EM MEMORIA

DE

EDUARDO PRADO

Depois de longo peregrinar, a curiosidade insaciavel de Eduardo Prado fixou-se no Brasil. De livros brasileiros ou relativos a coisas brasileiras, os mais raros e os mais preciosos, colligiu grande numero. Em investigações da historia patria contava consumir o resto da existencia. A morte não lh'o consentiu.

Amigo carinhoso e discipulo amado, Paulo Prado quer reatar a tradição do saudoso tio. De contribuições historicas seria capaz, e é possivel as apresente, se sua vida laboriosa lhe conceder as ensanchas imprescindiveis. Por ora limita-se a fornecer instrumentos aos desejosos de trabalhar. A serie «Eduardo Prado» destina-se aos que aspiram a conhecer melhor o Brasil.

A «Histoire de la mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan», que a inicia, escripta por frei Cl. de Abbeville, passou por duas edições em 1614 e nunca mais se reimprimiu. Sua raridade levou-a a preços inaccessiveis á maioria dos estudiosos. Entre nós possue um exemplar o erudito Ribeiro do Amaral, no Maranhão; dois, o Instituto Historico, doados por A. Henrique Leal, o zeloso Plutarco maranhense, e Manoel Barata, o dedicado cultor da historia do

Pará; mais de um a Bibliotheca Nacional, merecendo especial menção o da collecção Benedicto Ottoni, formada por J. C. Rodrigues; um, a Secretaria do Exterior, procedente do espolio de Rio Branco; um, Paulo Prado, comprado na bibliotheca de Eduardo e aproveitado para a presente reproducção. Não deve estar perdido o exemplar do benemerito Candido Mendes.

Em 1874 Cesar Augusto Marques traduziu a obra, servindo-se do exemplar emprestado por H. Leal, e a maior parte dos que a conhecem leram-n'a atravez da traducção. Feita na provincia, longe de todos os recursos, a traducção proporciona leitura amena, mas não dispensa o original para o estudo. Até aqui, quasi exclusivamente se podia fazel-o nesta cidade; agora descentraliza-se e liberta-se e torna-se possivel em qualquer parte do territorio.

A «Histoire de la mission» póde dividir-se em tres partes: os dez primeiros e os oito ultimos capitulos narram a vinda ao Maranhão e a volta á França; os capitulos 35 a 43 interessam á chorographia e á historia natural; nos outros predomina a ethnographia.

Demorando apenas quatro mezes, Claude de Abbeville achou tempo de observar muita coisa, e revela-se bom observador: naturalmente não conseguiu aprender a lingua da terra e teve de soccorrer-se dos excellentes interpretes que encontrou, como Ch. de Vaux, mais tarde empregado por Alexandre de Moura na empresa do Pará, e David Migan, morto na batalha de Guaxinduba.

Des Vaux, natural de Sainte Maure em Touraine, companheiro de Jacques Riffault em uma de suas expedicções, deixou-se ficar largos annos no Brasil, acompanhou os indios em combates, mais de uma vez os conduziu á victoria; o appelido de Itajiba, braço de ferro, mostra o prestigio conquistado junto aos companheiros de armas, que o incumbiram de ir á França implorar a protecção do rei e pedir-lhe que incorporasse o paiz ás possessões da corôa.

David Migan criou-se nas aldeias desde a infan-

cia; como os linguas normandos citados por Lery, pouco teria guardado da primitiva cultura; Migan não é nome francez, mera variante de mingau.

Com estes e outros o missionario obteve o melhor de suas informações.

A memoria dos indios, assegura, era extraordinaria; conservavam occorrencias de oito centos e mil annos atraz : estas deixou de parte.

A noticia mais remota que nos offerece refere se á apparição e ao estabelecimento dos perós ou portuguezes em Pernambuco, narrada pelo mais que centenario Mamboré Uaçu, testemunha presencial.

Embora incompletos, são preciosos os dados sobre as ultimas migrações dos Tupinambás.

A migração era, por assim dizer, o estado permanente do indio; passados cinco ou seis annos em um logar, escolhia outro pouco distante, derrubava matto, fazia plantações e, depois de queimar o tejupá, transportava-se com as poucas alfaias necessarias, panellas, cabaças, armas, rêdes, se as usava: da tapera passava o mesmo nome para a nova taba.

Os Tupinambás habitavam primitivamente junto ao tropico de Capricorneo, nas florestas do interior; os europeus já os encontraram á beira mar.

Na maior parte da costa brasileira dominava a lingua geral, falada por tribus de donominações varias, que se filiavam nos dois troncos de tupinambás e tupiniquins, de usos e costumes fundamentalmente os mesmos, porém separados por odios seculares, mais exasperados por guerras continuas. Causas desconhecidas affeiçoaram Tabajaras ou Tupiniquins aos portuguezes: nos Petiguares do Norte, nos Tamoyos do Sul encontraram os francezes os mais constantes e fieis alliados.

Os Tabajaras, situados entre o Cabo de Santo Agostinho e o rio do Capibaribe-mirim, facilitaram a fundação e a prosperidade de Olinda, ponto de partida do movimento que devia desaggregar os tupinambás, e impellir os francezes para o Cabo Frio e Rio de Ja-

neiro, além dos Tupiniquins de Ilheus e Porto Seguro, dos Tumiminos do Espirito Santo, dos Goytacazes da Parahiba do Sul, de lingua inteiramente differente, inimigos por egual de portuguezes e francezes e indios de outra parentela.

Nem Duarte Coelho nem seus successores immediatos dispunham de forças para grandes entradas, mas afastaram os indios do littoral pernambucano-alagoano, obrigando-os á procura de novas terras.

Forçados á mudança, alguns dos grupos fugiram para longe; a maior parte parece ter-se acolhido á Parahiba e regiões confinantes. O mappa de Jacques de Vaudeclaye, desenhado em 1579 e reproduzido no Atlas de Rio Branco, figura um semi-circulo entre o rio de S. Domingos ou Parahiba, e o da Cruz ou Camocim, e nelle inscreve dez mil indios, dispostos a combater os portuguezes. Os successos provaram que o numero era bem maior.

Itamaracá, extremo da colonização durante algum tempo, poucas leguas dista da Parahiba; transpol-as, avançar ao Rio Grande, aventurar-se na costa Léste-Oéste, fixar-se no Maranhão, exigiu grandes esforços e occupou não poucos annos.

Naquelle trecho do littoral o systema de ventos fazia as communicações maritimas difficeis e precarias. Jeronymo de Barros, filho e herdeiro do grande historiador, informa que de sua capitania os navios demandavam as Antilhas. Lê-se em Vaudeclaye que os portuguezes iam pescar ambar embarcados mas voltavam a pé. Antes de Alexandre de Moura nem um dos emissarios mandados ao Maranhão conseguiu volver por mar ao ponto de partida. O governo portuguez constituiu Ceará e Maranhão e Pará em estado separado do Brasil, subordinado directamente á metropole, para facilitar as communicações e as providencias. Ainda no tempo da independencia allegava-se contra a adhesão que o Maranhão de commum com o Brasil nada tinha. Só a navegação a vapor normalizou a situação.

Os francezes entraram em communicações mais

estreitas com os Petiguares de Parahiba e Rio Grande, depois de destruidos os seus estabelecimentos no Rio de Janeiro Affeiçoou-os ainda mais áquellas plagas a qualidade superior do páo brasil, que dava duas côres, segundo André Thevet em sua «Cosmographie», quatro, affirma um chronista jesuita contemporaneo. Entre os Petiguares, informa Anthony Knivet, muitos falavam francez, havia muitos bastardos de francezes. Assim se explica a presença de gente loura nos estados adjacentes mais facilmente que pela acção dos flamengos. Estes demoraram pouco mais de vinte annos nas terras, que conquistaram, e as guerrilhas incessantes de Mathias de Albuquerque, as devastações dos Capanhistas de Bagnoli, a liberdade divina de Vieira e Vidal aguilhoaram-nos á costa durante a maior parte deste tempo.

Os vizinhos de Olinda á Itamracá não mostraram velleidade de invadir a capitania de João de Barros. Este arrendou os busios do cabo do mesmo nome, naturalmente levados para a Africa, onde o zimbo corria como moeda. Fructuoso Barbosa, colono poderoso de Pernambuco, conseguiu carga de páo brasil para um navio. Os resgates repetiram-se, houve certa distensão, se não brotaram sympathia e confiança reciprocas entre os incolas do litoral. Na serra os aventureiros isolados eram recebidos sem prevenções. Exactamente entre os Petiguares da serra luziu a primeira scentelha do incendio, que durou um quarto de seculo.

As cunhãs antes do casamento gozavam da liberdade concedida aos rapazes em paizes mais civilizados. Um pernambucano engraçou-se de uma na serra da Capaoba, com ella fez vida marital sob as vistas benevolas do pae, que apenas impoz como condição que o genro temporario ficaria morando ali ou não levaria comsigo a filha. Não cumpriu a promessa o mameluco e assim provocou a tragedia : a mulher passou de mão em mão e parece nunca foi restituida.

Succedia isto no governo de Luiz de Brito e Al-

meida, quando os francezes, desenganados do Rio de Janeiro, começaram a affluir para os Petiguares. Nos ultimos annos da independencia de Portugal repetiram-se assaltos, os colonos tiveram os engenhos destruidos, sem apparelhos de resistencia efficaz. Com a reunião das duas coroas a Philippe II, monarcha unico na peninsula, começou a reacção victoriosa.

Diogo Flores de Valdez, voltando de uma expedição mallograda no estreito de Magalhães, teve a idéa de prestar no Brasil algum serviço que disfarçasse o desastre. Na Bahia, obteve do governador a incumbencia de ir a Parahyba com uma armada poderosa para o tempo. Foi, viu e venceu. Sorprehendeu navio francezes, incendiou-os, amedrontou a indiada, desembarcou, lançou os fundamentos de uma cidade e proseguiu triumphante para o Velho Mundo.

Pobre triumpho! Petiguares e francezes, passado o primeiro espanto, volveram com maior furia e todo o trabalho ficaria perdido se não acudissem da Bahia e sobretudo de Olinda e Itamaracá.

Guerras com os indios tinha havido muitas, mas em geral inspiravam-se no desejo de fazer escravos e para avultar o numero delles procurava-se matar o menos possivel. Martim Leitão, ouvidor geral mandado da Bahia, arvorado em general, indifferente á acquisição de peças, trucidou os prisioneiros que pôde, arrancou as roças, queimou as aldeias, de interprete das leis converteu-se em anjo do exterminio. Os Tabajaras, a principio arredios por justas queixas contra a gente de Pernambuco no rio de S. Francisco, alliaram-se a Leitão e puderam saciar os odios hereditarios.

A obra assim começada foi com mais ou menos violencia levada ao Rio Grande do Norte até Jeronymo de Albuquerque pacificar os Petiguares restantes de quem era consanguineo pelo lado materno.

Depois da campanha de Leitão ainda appareceram navios francezes nas costas dos Petiguares; de Jacques Riffault sabe-se vagamente que fez grandes

estragos; Cabedello foi quasi de todo incendiado; a nova cidade, cercada por terra e mar, teria succumbido apezar do heroismo de Francisco Coelho de Carvalho sem os soccorros de Pernambuco. Depois da pacificação de Albuquerque os francezes andaram vagando a oeste da ponta do Calcanhar até fixar-se na ilha do Maranhão. Lá iria desfechar-lhes o golpe mortal o filho da Arco Verde.

Por traz do litoral havia ao mesmo tempo um fervilhar constante, alastrava um movimento migratorio como difficilmente se póde imaginar. Claude d'Abbeville não entra em pormenores, mas permitte até certo ponto avalial-o. Na ilha do Maranhão existiam vinte e sete aldeias, de duzentos, trezentos, quinhentos, seiscentos habitantes, perfazendo dez a doze mil; em Tapuitapera nove, mais populosas que as da ilha; em Cumá onze e mais de vinte até Cayté. Toda este gentio abalára por influencia das armas portuguezas.

Como se deu a migração ? Os indios, sem recursos e tambem sem impedimentos, demoravam num logar apenas o sufficiente para fazer as plantações e munir-se dos mantimentos necessarios á continuação da jornada afflictiva. Os grupos tinham de viajar em separado sob pena de esgotarem-se todos os recursos. Onde quer que as catingas permittissem passagem era o caminho; só nos boqueirões encontravam-se pontos forçados. Tinham de atravessar regiões occupadas por tapuias e arredal-os de qualquer modo.

Migração até certo ponto semelhante repetiram os povoadores da Barborema, dos Carirys, da Ibiapaba, mas sem deixar inimigos atraz, esmagando os que defrontavam, inçando de gados os sertões, em communicação trabalhosa, mas quasi sempre segura com o povoado. Foi a obra dos seculos XVII e XVIII. A estes colonos obscuros deve-se a entrada do Maranhão a Bahia, do Ceará a Pernambuco, primeira victoria contra as incertezas da navegação maritima, que attenue sua acção separatista.

Os indios do Maranhão eram identicos ao Petiguares, aos Tupinambás da Bahia, aos Tamoyos do Rio sobre que escreveram Thevet, Lery, Hans Staden, Gabriel Soares, os Dialogos das grandezas do Brasil. Não se poderia, portanto, esperar grandes novidades do capuchinho picardo ; apezar disto nelle se encontram noticias do maior interesse, e só pela raridade do livro não tem sido devidamente aproveitadas. O capitulo 51.°, por exemplo, contem o pouco que se sabe da astronomia dos indios de lingua geral. Só mais de dois seculos depois Carlos von den Steinen reuniu dados semelhantes dos Bacaerys de Paranatinga.

A' obra de Claude de Abbeville seguiu-se a de seu confrade Yves d'Evreux, impressa, não publicada, em 1615. Antes de exposta á venda, a edição foi destruida, salvando-se apenas um ou outro exemplar mutilado. Pelo da Bib. Nat. de Paris fez Ferdinand Denis a impressão que a salvou do esquecimento. A mais de um respeito Yves d'Evreux completa o antecessor; seu cabedal linguistico é muito mais abundante e instructivo, mas a observação sabia-lhe menos que a introspecção e muitas vezes os factos afogam-se em considerações teleologicas e mysticas, que nos revelam sua psychologia sem alargar os horizontes.

CAPISTRANO DE ABREU.